



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**MARIA BIANCA DUARTE SILVA**

**MACABÉA (“A HORA DA ESTRELA”) E LUÍSA (“UM RAMO PARA LUÍSA”):  
A PERCEPÇÃO DA VIDA EM SITUAÇÕES DISTINTAS**

**Campina Grande - PB**

**2019**

**MARIA BIANCA DUARTE SILVA**

**MACABÉA (“A HORA DA ESTRELA”) E LUÍSA (“UM RAMO PARA LUÍSA”):  
A PERCEPÇÃO DA VIDA EM SITUAÇÕES DISTINTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras –  
habilitação em Língua Portuguesa (Artigo),  
apresentado ao Departamento de Letras e Ar-  
tes da Universidade Estadual da Paraíba –  
Campus I, como requisito parcial à obtenção  
do título de graduado em Letras.

**Área de concentração:** Literatura

Orientador: Prof. Dr. Edson Tavares Costa (UEPB)

**Campina Grande - PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Maria Bianca Duarte.  
Macabéa ("A hora da estrela") e Luísa (Um ramo para Luísa) [manuscrito] : a percepção em situações distintas / Maria Bianca Duarte Silva. - 2019.  
24 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."  
1. História cultura da mulher. 2. História social da mulher.  
3. Análise do discurso. I. Título  
21. ed. CDD 401.41

MARIA BIANCA DUARTE SILVA

MACABÉA (“A HORA DA ESTRELA”) E LUÍSA (“UM RAMO PARA LUÍSA”):

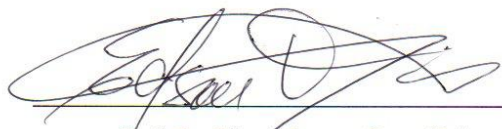
A PERCEPÇÃO DA VIDA EM SITUAÇÕES DISTINTAS

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras  
– habilitação em Língua Portuguesa  
(Artigo), apresentado ao Departamento de  
Letras e Artes da Universidade Estadual da  
Paraíba – Campus I, como requisito parcial à  
obtenção do título de graduado em Letras.

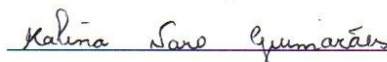
Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 19.06.19.

BANCA EXAMINADORA

 Nota: 9,0  
Prof. Dr. Edson Tavares Costa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 Nota: 9,0  
Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia de Souza Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

 Nota: 9,0  
Prof.ª Dr.ª Kalina Naro Guimarães  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota Final: 9,0

---

Ao ser mulher, DEDICO.

“Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar.”

Francisco, El Hombre

## SUMÁRIO

|                                                                          |    |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| 1 INTRODUÇÃO .....                                                       | 7  |
| 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....                                             | 8  |
| 2.1 A mulher constituída como o outro: questões de gênero .....          | 8  |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....                                      | 11 |
| 4 RESUMO DAS OBRAS “UM RAMO PARA LUÍSA” E “A HORA DA ES-<br>TRELA” ..... | 12 |
| 4.1 A mulher como prostituta na figura de Luísa .....                    | 13 |
| 4.2 Miséria e exclusão na figura de Macabéia .....                       | 16 |
| 4.3 Luísa e Macabéia: vozes que ainda vivem .....                        | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                               | 22 |
| REFERÊNCIAS .....                                                        | 23 |

## **MACABÉA (“A HORA DA ESTRELA”) E LUÍSA (“UM RAMO PARA LUÍSA”): A PERCEPÇÃO DA VIDA EM SITUAÇÕES DISTINTAS**

**Maria Bianca Duarte Silva<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Esse trabalho analisa como Macabéa e Luísa, cada uma no seu universo, com suas idiossincrasias, enxergam seu mundo e seu destino, e a forma como cada uma é influenciada pelo mundo. O tema tratado é importante para observar de que forma a história cultural e social do ser mulher se faz presente, e repensar sobre viver numa sociedade com visões tão diferenciadas. São válidos essa observação e esse repensar como formas de denúncia do fato de que a exclusão promovida pela sociedade, em relação à mulher, está presente, em sua essência, no indivíduo, e isso é repassado às gerações seguintes. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, contando, para isso, com o subsídio teórico de Beauvoir (1980), Jodelet (1998), Perrot (2007), no que tange à situação da mulher na sociedade; e de Carvalhal (1998), como apoio teórico ao estudo literário comparativo.

**Palavras-Chave:** Mulher. Sociedade. Luísa. Macabéa.

### **ABSTRACT**

This work analyzes how Macabéa and Luisa, each in their universe, with their idiosyncrasies, see their world and their destiny, and the way each one is influenced by the world. The theme discussed is important to observe how the cultural and social history of being woman is present, and to rethink about living in a society with such different visions. This observation and this rethinking are valid as forms of denunciation of the fact that the exclusion promoted by society, in relation to women, is present, in essence, in the individual, and this is passed on to subsequent generations. This is a bibliographical research of a qualitative nature, with the theoretical allowance of Beauvoir (1980), Jodelet (1998), Perrot (2007), regarding the situation of women in society; and Carvalhal (1998), as theoretical support for comparative literary study.

**Keywords:** Woman. Society. Luisa. Macabéa.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: ac-naib\_duarte@outlook.com



## 1 INTRODUÇÃO

Luísa e Macabéa são duas mulheres emblemáticas, que, apesar de ficcionais, identificam-se com um considerável número de seres femininos reais, presentes no cotidiano. As realidades em que estão mergulhadas, na obra literária de Clarice Lispector e José Condé, respectivamente, encontram analogia intensa na sociedade. Isto significa que uma leitura mais apurada e analítica dessas duas criações literárias pode nos levar a entender um pouco as mulheres de carne e osso, que passam pelos mesmos dramas e assumem os mesmos comportamentos delas.

Nas obras “Um ramo para Luísa”, de José Condé, e “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, abordando problemas sociais em que a mulher está inserida, ressaltando o quanto a presença de Macabéa e de Luísa existe na mulher contemporânea, e partindo do contato social com o outro, são analisadas, neste artigo, tanto a subsistência de si (“eu”), como a subsistência do mundo (“outro”). É discutida também a existência das diferenças e semelhanças que se tornam possíveis, analisando como a voz do outro está problematizada, visto que a condição da mulher na sociedade continua sendo um tema essencial, em discussões de gênero; mulheres são assassinadas todos os dias, sofrem com atitudes machistas por parte de seus companheiros, são vítimas de abusos sexuais, morrem todos os dias, vítimas de feminicídio.

A princípio, levantaremos algumas problemáticas que possam evidenciar as diferenças e semelhanças entre as duas personagens. Partiremos da representação da figura feminina nas protagonistas das duas obras. Quais atitudes e comportamentos tornam Macabéa e Luísa parecidas, e quais as diferenciam? Como cada uma responde/reage às formas de interpelação da realidade em que estão inseridas? As formas de viver e de morrer das personagens guardam alguma semelhança entre si? As personagens Macabéa e Luísa são corrompidas por si mesmas ou pela sociedade?

Partindo dessas inquietações, este estudo terá um foco analítico, interpretativo, classificando-se, portanto, como de caráter qualitativo. O objetivo é expor como duas mulheres construídas ficcionalmente, com suas semelhanças e diferenças, enxergam seu mundo e seu destino, e reagem diante deles. Ao mesmo tempo, buscaremos identificar quanto dessas duas personagens podem ser detectadas nas mulheres do cotidiano.

Contaremos, para isso, com o subsídio teórico de Beauvoir (1980), Jodelet (1998), Perrot (2007), no que tange à situação da mulher na sociedade; e de Carvalhal (1998), como apoio teórico ao estudo literário comparativo.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

### 2.1 A mulher constituída como o outro: questões de gênero

Por ir ao encontro do outro, as personagens Macabéa (Clarice Lispector) e Luísa (José Condé), estão sempre se deslocando num estar no mundo, seja pela inocência e marasmo da primeira, seja pela experiência de vida e desilusão da segunda, e ambas são corrompidas pela sociedade, no estabelecimento de relações de alteridade com esse mundo. Segundo Jodelet (1998, p. 48), “a noção de alteridade é sempre colocada em contraponto: ‘não eu’ de ‘um eu’, ‘outro’ de um ‘mesmo’”. O eu também é o outro, pois, dependendo da situação, tanto pode estar na condição do eu, como na condição do outro.

O homem (figura masculina) sempre foi tido como um ser superior, diante da figura feminina. A mulher foi tratada como inferior, sem reciprocidade nos direitos, poderes e causas, possuindo apenas limitações e sendo explicitamente instruídas a serem inferiores e inferiorizadas, desde sua formação familiar. “O homem representa há um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos” (BEAUVOIR, 1980, p. 9). É necessário ter a consciência de o quanto a mulher foi desprivilegiada desde a Antiguidade, em âmbito cultural-religioso, e até no próprio corpo social.

Chico Buarque de Holanda refere-se a este contexto na sua icônica canção “Mulheres de Atenas”, ao afirmar: “Elas não têm gosto ou vontade, nem defeito, nem qualidade; têm medo apenas. Não têm sonhos, só têm presságios”<sup>2</sup>. Na Grécia Antiga, na cidade de Atenas, as mulheres só podiam se ausentar de casa acompanhadas do marido ou dos pais, e com todo o corpo vestido, sempre agindo discretamente. Elas deveriam ficar sob o olhar do pai, marido ou do filho, caso se tornassem viúvas. Para os homens era permitido tudo, eles podiam ter amantes, sem qualquer constrangimento. Caso a mulher cometesse adultério, ele era autorizado a matá-la em público.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> HOLANDA, Chico Buarque de. Mulheres de Atenas. In: **Meus Caros Amigos**. Itália: Philips Records, 1976.

<sup>3</sup> <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/atenas-esparta-as-mulheres.htm>>. Acesso em 17/05/2019.

Mas essa situação não ficou circunscrita ao passado. No século XX, Simone de Beauvoir contesta a inferioridade imposta à mulher, quando, por exemplo, Aristóteles e Tomás de Aquino sustentam a ideia de que ela é desprovida de qualquer poder:

Diz Aristóteles que a fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades, devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural. (...) Sto. Tomás decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser “ocasional”. É o que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerário” de Adão. (BEAUVOIR, 1980, p. 10).

No contexto histórico desses pensadores, as fêmeas viviam em uma sociedade constituída pela autonomia dos homens. Aristóteles, quando diz que a fêmea sofre de certa deficiência natural, considera que a figura masculina sempre esteve no topo, porque mentalmente saudável, e que a fêmea só existe pelo corpo do homem; assim, ele poderá conduzi-la, tendo em vista que foi a partir de si que teve lugar a existência da mulher. Aristóteles entende-a como um ser que depende do homem e que a humanidade é caracterizada enquanto masculina. Beauvoir continua:

As religiões forjadas pelos homens refletem essa vontade de domínio: buscaram argumentos nas lendas de Eva, de Pandora, puseram a filosofia e a teologia a serviço dos seus desígnios, como vimos pelas frases citadas de Aristóteles e Sto. Tomás. [...] A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico e não um momento da história humana (*Op. cit.*, p.13; 16)

A educação de uma criança implica deixar claro para ela (independentemente do gênero a que pertença) que tudo o que existe na sociedade foi realizado pelo homem (gênero masculino). No momento em que a mulher se colocava em um ambiente de fala, suas opiniões eram ridicularizadas; aquela que recusava cumprir o papel da feminilidade definido pelo homem sofria represálias terríveis. Esse continua sendo o mundo que pertence aos homens.

A mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. (*Op. cit.*, p. 15)

A mulher ocupou, por muito tempo, um papel sob o homem. Alguma coisa mudou, é verdade, mas muitas mulheres ainda estão sob cativos masculinos, não só afetivos, mas por vezes literais. Enquanto a mulher for vista sem reciprocidade pelo olhar do homem, no que diz respeito a seus direitos, ela continuará sendo discriminada. “Ser mulher seria ser o objeto, o Outro, e o Outro permanece sujeito no seio de sua demissão” (*Op. cit.*, p. 71). Na obra “A origem da desigualdade entre os homens”, Jean Jacques Rousseau, filósofo iluminista do século XVIII, questiona se é compreensível a mulher ser educada na desinformação de tudo, e

exclusivamente para os afazeres domésticos. Se é justo tirar-lhe o prazer de viver em sociedade, escravizando-a, e impedindo-a de conhecer lugares/pessoas.

Não, sem dúvida, assim não o mandou a natureza, que dá às mulheres um espírito tão agradável e tão versátil; ao contrário, ela quer que elas pensem, julguem, amem, conheçam, cultivem seu espírito como seu rosto; são armas que lhes dá para suprir a força de que carecem e para dirigir a nossa. Elas devem aprender muitas coisas, mas as que lhes convém saber. (ROUSSEAU, 1992, p. 432).

Rousseau, que, a princípio, parece ter uma opinião a favor da plena libertação feminina, insere as mulheres em uma posição de receberem uma educação limitada, uma educação apenas parcial, apenas permitida até as coisas que lhes são convenientes saber, na opinião dos homens. Estes estabeleceriam sua educação, já que, segundo sua hipótese, a educação das mulheres deve partir da condição dos homens.

Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torná-la objeto (...). (BEAUVOIR, 1980, p. 23)

A mulher é inserida em um lugar com que só o homem tem contato, tornando-se uma espécie de objeto que se deixa conduzir por uma força maior, a interferir no seu espaço, tirando de cena a sua inteligência, levando a mulher para a margem, colocando a consciência masculina no centro, e mais uma vez silenciando a condição do ser mulher. “Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais” (PERROT, 2007, p. 16).

Na Bíblia, na primeira epístola de Paulo a Timóteo, encontram-se recomendações às mulheres: “durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. Eu não permito que mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio”<sup>4</sup>. A invisibilidade e o silêncio das mulheres faziam parte da ordem das coisas, assim era a garantia de lugares tranquilos, porque mulheres em grupos era motivo de medo. “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher”, diz Pitágoras (*apud* BEAUVOIR, 1980, p. 101).

O filósofo e escritor Diderot, notável iluminista, considera que sua inferioridade foi, em grande parte, causada pela sociedade. “Mulheres, eu vos lamento!” (*apud* BEAUVOIR,

---

<sup>4</sup> 1 Timóteo, 2:11-12

1980, p. 140). Beauvoir (idem) ressalta que, “em todos os costumes a crueldade das leis civis aliou-se à crueldade da natureza contra a mulher. São tratadas como seres imbecis”. Estar na condição de homem e lamentar-se pela situação em que a mulher estava inserida, é de certa forma um grande avanço para o filósofo Diderot. Reconhecer que as mulheres eram tratadas como seres imbecis é ter sensibilidade em saber que o sistema foi cruel com elas. “O lugar da mulher na sociedade é sempre eles que estabelecem. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei”. (*Op. cit.*, p.98)

Perrot afirma que a História ocorre diariamente, são sequências do que existe, do acúmulo das coisas, também o relato de tudo que aconteceu, e é longo o tempo que as mulheres passaram fora desse relato, como se não tivessem sua própria existência, excluídas dos acontecimentos, e presas no silêncio de um mar bastante profundo.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais. (PERROT, 2007, p. 15; 16).

É importante lembrar de todo o caminho por que a mulher passou para conquistar os seus direitos, mas ainda há manchas do passado que se fazem presentes na sociedade atual. A existência do ser mulher ainda é lacunosa, o machismo é um exemplo disso. Há submissões, agressões, mortes, direitos violentados, vozes silenciadas. Existe muita conquista pela frente, a luta da mulher é diária. “É essa ambivalência do Outro, da mulher, que irá refletir-se na sua história, permanecerá até os nossos dias submetida à vontade dos homens”. (BEAUVOIR, 1980, p. 102).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Severino (2007, p. 122), “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisa anterior, em documentos impressos”. Desta maneira, nosso trabalho terá um viés bibliográfico, mas também partiremos do pressuposto de análise da representação da figura feminina nas personagens Macabéa (LISPECTOR, 1977) e Luísa (CONDÉ, 1987), através de um estudo analítico, interpretativo, realizando uma

comparação entre as personagens, para o que nos utilizaremos de elementos da Literatura Comparada. Promoveremos leituras esmiuçadas das duas obras, especificando os pontos que se relacionam, seja analogamente, seja contraditoriamente, para que possamos, assim, atingir nossos objetivos.

Para realizarmos o estudo das obras: “Um ramo para Luíza”, de José Condé, e “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, utilizamos a Literatura Comparada. Carvalhal afirma que a crítica literária, ao analisar uma obra,

Muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes. (CARVALHAL, 1998, p. 6-7)

O estudo comparativo da literatura é importante porque “consiste em relacionar dois ou vários textos, que por sua vez, se relacionam com e relacionam entre si duas ou várias literaturas, duas ou várias culturas” (MACHADO e PAGEAUX, 1998, p. 196).

Analisaremos duas personagens femininas, de culturas, vidas e comportamentos diferentes. Observaremos de que forma a história cultural e social do ser mulher se faz presente, e pensaremos sobre viver numa sociedade com visões tão diferenciadas, considerando o afastamento promovido pela sociedade, em relação à mulher.

Como dissemos, a principal diferença entre Macabéa e Luísa é a letargia da primeira e a experiência e desilusão da segunda, em estar no mundo. As duas personagens foram corrompidas pela sociedade, desiludidas, sem tempo, espaço ou oportunidade para serem bem vividas.

#### **4 AS OBRAS “UM RAMO PARA LUÍSA” E “A HORA DA ESTRELA”**

Analisaremos a vida de duas personagens celebradas em duas obras importantes: “Um ramo para Luísa”, de José Condé, que tem a personagem Luísa como principal, e “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, que tem como protagonista Macabéa. Autores de grande importância na nossa literatura, buscaram retratar a vida de mulheres “engolidas” por uma sociedade repressora e complexa. Abordar as questões despertadas pela vida ficcional dessas duas personagens faz-nos lembrar o quanto a batalha do “ser mulher” ainda precisa ser foco de discussão. Não temos dúvidas de que essas duas personagens, sobre as quais iremos nos deter,

ainda hoje se fazem presentes no comportamento, luta e sofrimento da mulher contemporânea.

José Ferreira Condé (1917-1971) escreveu a novela “Um ramo para Luísa”, publicada em 1959, apresentando uma linguagem direta e diálogos curtos, não seguindo uma ordem cronológica. Na obra, o autor traz à tona a vida de uma prostituta da cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente do bairro de Copacabana. Luísa, uma mulher que vive sua própria solidão, com medo de amar e ser amada, com sua infância perdida, sofrendo a ausência dos pais, tendo visto a morte do filho, foi presa, excluída da sociedade, vista como impura, e sofreu preconceitos. O personagem Paulo, um solitário, ansioso por amor, e em busca de si, como a própria Luísa, apaixona-se por ela, sente vergonha pelo seu sentimento, e, sabendo que não pode ter Luísa só pra ele, decide pôr um fim na vida da prostituta, de uma forma covarde, deixando apenas um ramo para a pobre Luísa.

Clarice Lispector (1920-1977) escreveu o romance/novela “A hora da estrela”, sua última obra, publicando-a pouco antes de morrer. Apresentando uma linguagem simples e objetiva, a autora também não segue uma ordem cronológica. Antes do início da narrativa, há o título do livro seguido de treze outros títulos. Seu narrador, Rodrigo S.M, começa o livro com uma excessiva busca do que ele vai narrar. Clarice retrata a vida de uma imigrante que sai do Nordeste para morar no Rio de Janeiro, Macabéa, uma datilógrafa suja, faminta, que mora numa pensão barata, com mais quatro moças. Ela era tão pobre que só comia cachorro quente, recebia menos que o salário mínimo, órfã de pai e mãe, morava com uma tia que era supersticiosa, moralista e religiosa. Certo dia Macabéa conhece o seu namorado, Olímpico de Jesus, um sujeito que desejava trabalhar de açougueiro e se tornar deputado. Macabéa é trocada por sua amiga Glória, em quem via perspectiva para seus interesses pessoais. Glória vivia dando conselhos a Macabéa, e um deles foi pra ela procurar uma cartomante; aceitando o conselho, foi procurar a ledora de cartas, e, ao sair do local, um Mercedes com um gringo dentro atinge Macabéa – naquele momento ela teve seu último sopro.

#### **4.1 A mulher como prostituta na figura de Luísa**

O homem, ao olhar para a mulher prostituta, não só a deseja como também se sente na condição de ser o seu dono, tendo em vista que o seu pagamento à meretriz faz-lhe superior diante dela. É perceptível que Luísa não estava nessa condição por prazer ou algo do tipo, mas

por ser a única solução para seus muitos problemas de ordem financeira, seria a forma de conseguir dinheiro mais rapidamente:

Numa das primeiras vezes em que saímos juntos, perguntei-lhe de maneira um tanto estúpida, reconheço:

– Você gosta desta vida que leva?

Luísa sorriu e respondeu com uma pergunta:

– Você gostaria de dormir com mulheres por quem não tem o menor interesse?

E séria:

–Tenho nojo do homem que paga para dormir com mulher. (CONDÉ, 1987, p. 19)

Ser vista como um objeto de prazer, oco, e desprovido de sentimentos é lastimável. “O grupo já está arranjado. Faltam só duas pequenas que sejam bonitas e tenham pernas provocantes.” (CONDÉ, 1987, p.71). A maioria dos homens enxerga a mulher por suas características físicas, materializando o corpo feminino como um objeto sexual e de prazer, em decorrência disso Simone aponta como o homem trata a mulher na condição de prostituta. “A prostituta é o bode expiatório; o homem liberta-se nela da sua turpitude e renega-a.” (BEAUVOIR, 2008, p. 365).

A mulher, enquanto prostituta, perde seu valor, sua dignidade, seus sentimentos, sua beleza, seu caráter, para a sociedade, tornando-se suja, impura. A realidade das mulheres que vivem nessa condição é bem diferente do que pensa a maioria das pessoas; muitas passam por humilhações, jogadas em calçadas sujas, agredidas, chegando a serem assassinadas. Luísa sofreu pela ausência de uma família estruturada – na sua não havia demonstração de amor, respeito, e o convívio era deplorável; ela passou fome, e deixou de frequentar a Escola Normal. Considera-se que esses foram alguns dos fatores responsáveis por Luísa entrar na prostituição.

Luísa foi presa na Avenida Atlântica, quando fazia o trottoir. Na delegacia, disse que não podia ficar presa, porque tinha uma criança em casa sozinha, sem ninguém para alimentá-la. A polícia não acreditou ou achou mais cômodo não lhe dar ouvidos. Ela insistiu. Mas, inutilmente. E três dias depois, quando lhe deram liberdade, ao chegar em casa, encontrou o garoto morto. (CONDÉ, 1987, p. 63)

Por que ser prostituta faz de Luísa, a priori, uma mulher mentirosa? Por que o homem não enxerga que a maioria dessas mulheres foi abandonada por eles, deixando-a com a responsabilidade de criar o filho sozinha? De acordo com Beauvoir (2008, p. 366), “a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela se resumem, ao mesmo tempo todas as figuras da escravidão feminina”. A meretriz busca, de toda forma possível, sustentar os filhos, porque o sentimento de afeto parental e de ligação com os estes é o único que elas possuem, afeto este



que foi perdido na infância, como um trauma psicológico. Na história de Luísa (CONDÉ, 1987, p. 63) “toda a vida dela tem consistido numa coisa: procurar outra parte que foi perdida na infância. É uma procura inexorável. E sem esperança de encontrar”.

O personagem Paulo, um homem solitário, começa a sair com Luísa; depois de certo tempo, ele deixa de ser seu cliente e passar a ser um modo de fuga, tanto para Luísa, como para si próprio: “Eu preciso de você Luísa vá para o diabo que o carregue tenho nojo das prostitutas mas amo o amor fácil delas onde estará ela agora?” (*Op. cit.*, p. 12). O ato sexual pode até ser fácil, pois sabemos que faz parte do trabalho da prostituição, mas não é fácil conquistar o amor de uma prostituta, não é fácil mostrar-lhe que o ser humano, na condição de homem, não deseja só o seu corpo/sexo, mas a quer como uma mulher que também tem sentimentos. A raiva toda de Paulo é porque ele realmente sabia que estava apaixonado por uma prostituta: “Por que a gente nunca pode ser a gente mesmo?” (*Op. cit.*, p. 25). É perceptível a perda de identidade dele. Amar Luísa não fazia parte das convenções sociais, pois ela integra uma minoria de mulheres que vivem à margem da sociedade:

Que importa que seja uma puta? Importa apenas que eu tenha encontrado nela – e a gente encontra sem saber mesmo por que – aquilo que eu sempre andei procurando, dolorosamente. Para o diabo as convenções. Quero ter a coragem de ser eu mesmo (*Op. cit.*, p. 64).

Mesmo assim, Paulo a queria pra si, ele desejava ter com ela mais que sexo, queria amor, queria ser amado, mas Luísa não podia ficar só com ele. Havia Abílio Marialva, com quem ela saíra e que lhe dava de tudo, um homem da sociedade, que tinha boa condição financeira. Passou a morar com ele, mas não era uma mulher feliz, sentia repulsa dele. O peso atribuído à profissão de prostituta fazia dela uma mulher sem expectativas de coisa alguma, não conseguia mais suportar o que sua vida tinha se tornado. Estava sempre satisfazendo a vontade dos outros e deixando suas vontades excluídas.

Paulo não aceitava saber que Luísa estava naquela situação, não aceitava que ela tivesse outro homem. “Eu não queria matar o passarinho. No entanto, ele morreu” (*Op. cit.*, p. 126). Em um reencontro com Luísa, depois do ato sexual, e depois de Luísa pedir pra ele lhe tirar da situação em que vivia, ele se retira do quarto e liga para o companheiro de Luísa:

O telefone atendeu do outro lado:  
– É o Sr. Abílio Marialva?  
– Ele mesmo – respondeu a voz.  
– Se o senhor quiser encontrar agora a Luísa, procure-a no quarto número 7 do Hotel Limbo. (*Op. cit.*, p. 125).

Chegando ao hotel, Abílio encontra Luísa despida sobre a cama, e dispara um tiro em sua direção, levando-a à morte. “Ela morreu. No fundo, porém, só existe um morto. É isso mesmo: destruí-a porque queria me destruir.” (*Op. cit.*, p. 126). O egoísmo de Paulo tirou a vida de Luísa. Ela estava morta e nada mais podia ser feito. No local do seu velório, encontrava-se uma mulher – a única pessoa que velava seu corpo. Paulo foi ao lugar deixar um ramo para Luísa.

#### 4.2 Miséria e exclusão na figura de Macabéa

Clarice Lispector apresenta a personagem Macabéa dotada de simplicidade, sem qualquer vaidade ou preocupação com a sua aparência. Seu narrador, Rodrigo S.M., relata: “Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido” (LISPECTOR, 1998, p. 58), era impossibilitada de ter filhos, mas ninguém a desejava e nem lhe olhava. Olímpico, um rapaz de quem começara a gostar, namorou-a por algum tempo, mas não mostrava afeto pela moça.

“Trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (*Op. cit.*, p. 22). Macabéa ausentava-se de si mesma, não se achava digna de tocar seu próprio corpo, nem sabia da existência das curvas que possuía, achava que tudo era pecado, e nem sabia o que realmente é pecado – só aceitava que era. Descreveram-na como uma pessoa fisicamente feia, a verdade é que ela não sabia o que é bonito ou feio, não se olhava nem no espelho. Para Eco (2007, p. 282), “a feiura que provoca repulsa não pode ser apresentada sem que se destrua qualquer prazer estético”. Macabéa não provocava agrado nas pessoas, pois a sua fisionomia era muito desagradável.

E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlata as unhas das mãos. Mas como as roía o sabugo, o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o sujo preto por baixo. E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, gosto de Coca-Cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel do ser. (LISPECTOR, 1998, p.36)

De acordo com Montenegro (2001, p. 53), “as ‘nordestinas’, às quais se reporta Clarice, alcançaram nas durezas e no escuro da atonia um peculiar estado de inocência, uma pobreza de espírito que as redime dos desejos, das aspirações mundanas”. Estamos diante de uma mulher feia, pobre e nordestina. Uma moça de 19 anos, órfã de pai e mãe, criada pela tia, que sai do Nordeste para tentar a vida no Rio de Janeiro.

Macabéa é invisível ao olhar da sociedade, sofrendo desde criança por isso; não fala o que sente, mas é perceptível que nem sabe que sofre, ou sabe e só lhe resta aceitar, já que o espaço em que se encontra retira-lhe toda a possibilidade de ser ouvida e aceita. “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso por que nem ao menos a olham” (*Op. cit.*, p. 16).

Ela tudo aceitava porque sabia que precisava aceitar, afinal não tinha escolhas. “O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial” (BEAUVOIR, 1980, p. 23). Macabéa é a representação da mulher cuja infância foi interrompida pela falta de possibilidades para sua vida, representa a imigrante que sai do Nordeste achando que teria oportunidades na metrópole, mas se torna inútil, desprezível e silenciada: “Quero nesse instante falar da Nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era tão teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus”. (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Macabéa era um indivíduo sem orientação, não tinha companhia sequer para orientá-la, esteve só, e isso fazia dela uma pessoa desprovida de conhecimentos. Não estava sujeita a mudanças, pois nem sabia que podia mudar, era deslocada e isso fazia com que sempre se limitasse a si mesma, ao contrário do narrador, S. M., que, mesmo sendo um fracasso, queria encontrar a si – ela, na miséria em que vivia, mesmo querendo o mesmo, não podia, nunca se encontrara.

Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”. O que narrarei será meloso? Tem tendência mas então agora mesmo seco e endureço tudo. E pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém e não implora socorro: aguenta-se na sua chamada dor com uma dignidade de barão. (*Op. cit.*, p. 17).

A pobre mulher teve uma vida desprezível, igual aos cachorros de rua abandonados, que nem sabem latir e chorar. Perdida na multidão, sendo levada pelo seu próprio corpo, que não tinha mais força alguma, precisava de ajuda, que lhe foi negada; era preciso o grito, mas nem isso ela sabia fazer. “Já que sou, o jeito é ser” (*Op. cit.*, p. 34). Aceitou-se até seu último suspiro como quem não quis nada da vida, porque, afinal, nem teve chance de viver – morreu na flor da idade, deixando apenas a voz silenciada.

Por indicação da sua amiga Glória, Macabéa foi procurar uma cartomante para saber sobre o seu futuro:

É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. [...] Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéia estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz”. (*Op. cit.*, p. 76; 79)

O egoísmo da sociedade tirou a vida de Macabéia de forma fria, enxergando-a só no momento que estava estendida ao chão, como uma estrela que tem o seu momento de brilhar, e que, em seguida, se apaga. Agonizava, mas sofria calada, como sempre. Que outro destino teria? Foi só mais um corpo que não teve espaço e voz, jogado em um beco escuro, numa sarjeta, que lhe abraçava como a qualquer bicho que por ali passava. Mataram-na.

#### 4.3 Luísa e Macabéia: vozes que ainda vivem

Falar de Luísa e de Macabéia é ter a consciência de que essas mulheres não estão inseridas na ficção, mas sim na vida real, sabendo o quanto ainda existe delas na mulher contemporânea. Vejamos a infância de nossas personagens:

Meu pai trabalhava no Cassino da Urca distribuindo fichas de jogo. Voltava para casa quando o dia estava amanhecendo. Minha mãe não gostava dele, vivia recebendo homens, nem se importava com a minha presença. Todas as noites era a mesma coisa: eu ficava ouvindo eles gemendo no quarto ao lado. Metia a cabeça no travesseiro, mas era inútil. Quando não suportava mais, eu me levantava e ia para a calçada. Tinha nojo daquilo e gostaria de contar tudo. Mas minha mãe sabia que eu não teria coragem para tanto. Aliás, acho que meu pai não ia se incomodar com o caso. Era um homem fraco e sem moral. Só pensava em ganhar dinheiro. (CONDÉ, 1987, p. 49, 50)

Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febres ruins no sertão em Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas. Muito depois fora para Macaíó com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos na cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. (LISPECTOR, 1998, p. 28)

Luísa traz a representação da mulher que desde sua infância sofre pelas atitudes da mãe e do pai. Sua mãe não lhe respeitava, ao ponto de dormir com outros homens, deixando Luísa a par do barulho dos seus atos sexuais, causando na filha nojo e desconforto pela situação. Seu pai só pensava em dinheiro, era ausente da figura de marido e genitor, fez com que a filha entendesse que dinheiro era tudo na vida; após cometer um desfalque no Cassino, fugiu, não mais voltando para sua casa. Luísa passou fome e deixou de frequentar a Escola Normal, tendo assim uma infância de choro e desilusão; foi então que ela percebeu que realmente o pai tinha razão: “dinheiro era tudo na vida” (CONDÉ, 1987, p. 50).

Macabéa perdeu os pais desde nova, não chegou a conhecê-los, tendo só a presença da tia na sua vida, uma mulher conservadora, que batia na sobrinha pois achava tal atitude de grande importância para a sua educação; era privada de comer sua sobremesa preferida, goiabada com queijo. A todo o momento era castigada “e não sabia o porquê, e não saber fazia parte importante de sua vida” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Luísa e Macabéa tiveram infâncias diferentes, passaram por situações diferentes, mas a falta de amor e a presença de uma família se tornam iguais na vida de ambas. Muitas mulheres passaram e até hoje passam pela mesma infância que Luísa e Macabéa tiveram, sendo impossibilitadas de terem uma educação digna, almejando um futuro de respeito. Essas são as que mais necessitam do acolhimento do corpo social, pois desde pequenas sofrem pela ausência da família, mas a sociedade, em várias situações, reprime-as, deixando-as na marginalidade, como sempre estiveram. Condé (1987, p. 14) retrata a personagem Luísa na profissão de prostitua, uma mulher que tenta ganhar dinheiro para sustentar o seu filho e a si, nos bares do Rio de Janeiro:

Foi num bar noturno que conheci Luísa.  
A vitrola tocava um fox. Perto de mim, no balcão, três mulheres me olhavam como a um possível freguês; umas outras estavam sentadas, à meia-luz, pouco abaixo de uma cópia grotesca de Toulouse-Lautrec.

Já Lispector (1998, p. 14) apresenta a personagem Macabéa na profissão de datilógrafa, uma mulher que sai do Nordeste e vai tentar uma vida melhor no Rio de Janeiro:

Com a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?

Em determinadas situações, a mulher começa a trabalhar como prostituta devido a algum trauma da infância, seja pelo abuso sexual ou até mesmo pela ausência de uma família estruturada; em outras situações a mulher não enxerga outra saída, pois precisa de dinheiro rapidamente, para alimentar os filhos. No caso de Luísa, houve a falta de estrutura familiar, desistência nos estudos e um filho que ela precisava sustentar. Já Macabéa era datilógrafa; diferente de Luísa, ela tinha uma profissão “mais respeitada”, porém, pela sua ignorância (fruto da ausência nos estudos), vivia uma situação complicada, recebendo muitas chamadas do chefe.

Macabéa e Luísa, por serem desprovidas do estudo, amargam consequências sociais, e mesmo suas profissões sendo diferentes, sofrem nelas. Comparar essas personagens às mulhe-

res cotidianas é válido e necessário, pois muitas que se ausentaram dos estudos sofrem por não terem um trabalho digno, no qual não lhe desrespeitem. Há Luísa e Macabéas que necessitam de ajuda, precisam ser levadas para o centro das discussões.

Na vida difícil que Luísa levava, havia poucos momentos de felicidade, apenas quando estava com Paulo:

– Você não suportaria viver comigo um mês.  
 – Talvez seja o contrário, querida.  
 – Não. É exatamente pelo fato de amá-lo tanto, que preciso fugir de você. Escute: apesar de tudo que já lhe fiz, eu morreria se sentisse um dia que você não me deseja mais. Eu só tenho você. E, mesmo quando estamos longe um do outro, a certeza que você está pensando em mim me deixa menos intranquila. (CONDÉ, 1987, p. 35)

Macabéa não reclamava de nada; para ela, se algo estava acontecendo de um jeito, era porque realmente teria de ser. Rodrigo S. M. relata o dia em que a moça teve uma alegria:

Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício. (LISPECTOR, 1998, p. 35)

Dias felizes eram raros para ambas, cada uma ali com seu momento passageiro de felicidade; Luísa, quando estava ao lado de Paulo, tinha a oportunidade de, por um momento, esquecer-se de todo o mal por que já passara, e sonhar com um futuro diferente. Macabéa surpreende com seu conformismo diante das situações, ela nunca sequer parava pra se autoconhecer, achava que nem isso ela tinha direito.

Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé [...] Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? (*Op. cit.*, p. 26; 36)

Sim, há milhares de mulheres como Macabéa, que nem sabem o porquê de estarem vivas, de terem vocação para fazer algo, ou alcançar o objetivo a que almejam. É como se tudo que a vida lhes jogasse estivesse de bom tamanho; diferente desta, Luísa não era conformada com a vida que tinha:

... certa manhã, recebi carta de Luísa.  
 Preciso preciso muito falar com você... Não pode calcular o que tem sido minha vida. Hoje só desejo uma coisa: morrer. Não sei como nem quando poderei vê-lo. Mas um dia, entretanto. Não deixo de pensar um só instante.  
 Sua,  
 Luísa. (CONDÉ, 1987, p. 98)

Luísa, no momento em que teve a oportunidade de amar e se sentir amada, não mais podia viver aquele amor, era tarde, sua vida não tinha como sair da situação em que se encontrava: morava com um homem que lhe sustentava. Não sabia o que o futuro que guardava, mas descreditava dela porque certas situações não podem ser mudadas. Luísa só existia, mas não sabia o que era realmente viver feliz, já não mais tinha seu filho, e nem Paulo, a desilusão em estar no mundo faria do seu futuro uma consequência desastrosa.

Quanto a Macabéia, “que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos” (LISPECTOR, 1998, p. 16). A sua inocência, a falta de concepção, a falta de estudos, a condição de imigrante nordestina, fizeram-na excluída da metrópole, lugar que não fora feito pra ela, pois não se encaixava com a sua inocência. Não via maldade em nada nem em ninguém, nem mesmo no seu ex-namorado, que lhe tratava mal, chamava-a de “magricela esquisita”, e um dia fizera-lhe uma brincadeira, levantando-a para o ar – não aguentando o peso, ela caiu com a cara na lama, tendo o seu nariz sangrando, mas não se importou, achou que foi delicadeza da parte dele, foi algo pequeno. Uma mulher que se esqueceu de si mesma, não fazia nada de diferente e achava que não precisava vencer na vida, não pensava no futuro. Igual a Luísa, o futuro para Macabéia seria uma consequência desastrosa.

O existir de Luísa e Macabéia se faz presente nas mulheres cotidianas, a sua exclusão social é uma consequência que vem de gerações anteriores. A mulher passa todos os dias por situações que não lhe dão condições para pensar no futuro; a falta de humanidade do corpo social para com elas causa medo e desesperança, a existência vai se tornando cada vez mais apagada, impedindo-as de viverem dignamente como qualquer ser humano que tem direito à vida – a maioria dessas mulheres só existem, mas não vivem.

Luísa está morta, e não há mais nada a se fazer; Paulo se questiona: “– Sim, eu lhe pergunto agora: por que tudo na vida tem de morrer? Por que ela teve de morrer, meu Deus?” (CONDÉ, 1987, p. 101). Ela foi morta por dois homens: Paulo e Abílio mataram Luísa, alvejada por tiros; a prostituta morreu da forma que a sociedade lhe enxergava, despida na cama, após ter realizado um ato sexual. Quanto a Macabéia: “Ah pudesse eu pegar Macabéia, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa quente, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo que é viver” (LISPECTOR, 1998, p. 59). Ela foi morta, atropelada em um beco sujo, lugar em que a lama tomava conta e os ratos passavam; a imigrante morreu da forma que a sociedade lhe enxergava, uma mulher suja pobre e ignorante.

O cenário das obras é o Rio de Janeiro, que mostra a prostituta e a imigrante, mulheres que tiveram vidas diferentes, mas foram desiludidas, sem tempo, espaço e oportunidades para serem bem vividas. A sociedade que corrompe essas mulheres é a mesma que as mata.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a vida de duas mulheres em obras literárias permitiu-nos refletir o quanto existe delas na mulher contemporânea; é perceptível que até hoje as mulheres estão em condição de inferiores aos homens, em determinadas situações lhes são oferecidas possibilidades menores – a questão é saber até quando vai durar. A mulher, desde sua infância, assume certo complexo de inferioridade, sendo levada para o futuro de forma indisciplinada, machucada, inquieta, culpada e excluída.

A sociedade exclui mulheres como Macabéa, e as deixa na margem; é necessário trazer essas mulheres para o centro, é necessário que a voz da mulher, que ainda se encontra excluída, seja presente no corpo social, tendo a mesma dignidade e os mesmos direitos que os homens têm.

Para o corpo social, a mulher prostituta é o símbolo da vulgarização, seu corpo torna-se um objeto com o qual o homem se sente no direito de fazer o que quiser. Além da vulgarização do corpo, elas sofrem preconceito, desprezo e exclusão da sociedade. É por um capricho do sexo masculino, por o homem sentir-se dono da mulher, que o destino de muitas é a morte, igual à que Luísa teve.

É necessário expor as questões que o ser mulher sofre todos os dias, é necessário que a voz da mulher sempre esteja no centro. Não podemos deixar mais mulheres serem mortas, seja através do namorado, esposo, vizinho, pai; o machismo mata todos os dias mulheres que imploram pela vida bem vivida.

Em um mundo de valores, a mulher procura os seus, porque, para elas, sempre foi algo distante de conseguir; há gerações que vêm lutando por direitos e por todas as possibilidades de que elas necessitam para viver bem. A reflexão na sociedade contemporânea é bastante presente, mas ainda muita coisa precisa ser mudada.



## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo**. A experiência Vivida. Vol. 2: São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967
- BÍBLIA Sagrada. Trad. de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.
- CARVALHAL, Tânia. **Literatura Comparada**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CONDÉ, José. **Um ramo para Luísa**. Rio de Janeiro: Record, 1987
- ECO, Umberto. **História da feiura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- Jodelet, D. (1998). **A alteridade como processo e produto psicossocial**. Em A. Arruda (Org.), Representando a alteridade (pp. 47-67). Petrópolis, RJ: Vozes.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Edições 70, 1998
- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. **História e ontologia em “A hora da estrela”, de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.
- PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: contexto, 2007.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

## AGRADECIMENTOS

Às forças divinas, que me deram o privilégio de existir.

Aos meus pais, que se esforçaram pela minha educação, por serem a minha base para tudo, e por todo amor.

Às minhas irmãs, pelo companheirismo, lealdade e apoio.

Aos meus amigos Márcio e Tati, que estiveram sempre me dando forças e dicas.

A Cris, pelo amor, lealdade e companheirismo.

A meu orientador Edson Tavares, que sempre esteve presente quando precisei; além de professor, foi amigo. Agradeço por toda paciência, por acreditar em mim, e por todo aprendizado.

Às professoras que aceitaram o convite para fazer parte da banca: Ana Lúcia, obrigada por me apresentar a obra de Clarice Lispector “A hora da estrela”; foi depois disso que meu amor por Clarice começou a florir – agradeço também por todo aprendizado, paciência e sorrisos. A Kalina Naro, obrigada pela vivência em estágio I, foi de grande importância para conseguir passar pelos outros; agradeço também pela paciência e sorrisos.

À Universidade Estadual, que me proporcionou conhecer professores incríveis, colegas e amigos.

A meus companheiros de sala: Andréia, Paula, Karoline, Joaquim, Aline, Fátima e Mari, pelo apoio ao longo da graduação, e, em especial, a Flavinha e Juliana, que me deram total apoio, companheirismo, sorrisos, dedicação e ajuda. A vocês duas, meu total amor e respeito.

A meus padrinhos, por sempre estarem presentes na minha vida.

A minha prima Mirelly, por sempre me ouvir com total paciência.

A meu sobrinho Davi, de sete anos, por alegrar meus dias.

A todos o meu amor e minha eterna gratidão.